

INTOLERÂNCIA CONTRA ÁRABES E MUÇULMANOS: Análise da reprodução midiática da Revista Veja após 11 de setembro de 2001

Daysi Dalia Leticia Villamayor Florentin¹

RESUMO

Os atentados às torres gêmeas do World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, foram um marco na história mundial. A mídia teve um papel fundamental na cobertura deste acontecimento, porém bastante conflituosa e por vezes inexistente, deixando de lado alguns princípios éticos jornalísticos. A chamada “guerra ao terror” enfatizada por George W. Bush, foi uma justificativa para iniciar a guerra contra os povos do oriente médio após os atentados em nenhum momento vemos grandes questionamentos das ações norte-americanas, ao contrário foram reproduzidas exatamente as informações repassadas pelos Estados Unidos. A elaboração deste artigo tem por objetivo realizar a análise da intolerância contra árabes e muçulmanos evidenciadas no discurso midiático, tendo como objeto de pesquisa a Revista Veja.

Palavras-chaves: 11 de setembro, manipulação midiática, terrorismo.

PANÔRAMA GERAL DA INTOLERANCIA CONTRA ARÁBES E MUÇULMANOS NO PÓS 11 DE SETEMBRO

Os atentados de 11 de setembro de 2001 foi um marco importante nas relações internacionais, as torres gêmeas do World Trade Center e o prédio do pentágono, sendo os maiores símbolos do poderio americano, foram atacados por quatro aviões sequestrados pelo grupo radical Islâmico Al-Qaeda, sob o comando de Osama Bin Laden. O presente artigo visa expor como esta associação de muçulmanos com terrorista que tornou-se evidente “os acontecimentos da política e da economia internacional têm colocado o Islamismo no foco das atenções ocidentais. Trata-se de uma religião – e uma civilização – da qual muito se fala e, infelizmente pouco se sabe” alerta os autores Khalil e Nasser (KHALIL & NASSER FILHO, 2003, p.19).

O objetivo da presente pesquisa é analisar a intolerância contra os muçulmanos e árabes após os atentados de 11 de setembro de 2001. Para isso, realizou-se um panorama desde a manipulação da mídia na cobertura do atentado às torres gêmeas, bem como, o discurso norte-americano na chamada “guerra ao terror”. Traçando uma análise

¹ Pós-Graduanda em Relações Internacionais Contemporâneas, graduada em Comunicação Social - Jornalismo – dayse.leticia.villamayor@gmail.com

breve sobre discurso da revista VEJA, uma das principais revistas do Brasil, expondo o discurso da revista uma semana após os atentados.

O DISCURSO NORTE-AMERICANO DA CHAMADA “GUERRA AO TERROR”

As torres gêmeas foram abaixo, quase três mil pessoas morreram no ataque, entre os passageiros dos aviões, os bombeiros, os policiais que trabalhavam no regaste, além de pessoas que estavam nos prédios, e nos seus arredores. Denominada pelos Estados Unidos de “Guerra ao Terror”, uma justificativa do Presidente George W. Bush para iniciar a guerra posterior aos atentados contra os países do Oriente Médio. Como descrito por Dorneles (2012), o então presidente Bush conseguiu a façanha de controlar a mídia e fazer uma guerra “mantendo a imprensa contra parede” ou seja o governo estadunidense enviava notas para que a imprensa reproduzisse somente o que era de interesse norte-americano e ainda bombardeou as população do Oriente Médio para aumentar o seu prestígio junto a população, todas atitudes com tamanha eficiência, iniciando uma guerra que se sucedeu ao terrorismo.

Em um dos capítulos do livro *A Mídia: Propaganda Política e Manipulação*, de Noam Chomsky (2014), faz um retrato de como a imprensa deveria ter noticiado a “guerra contra o terrorismo”. De acordo com Chomsky, o primeiro grande erro foi noticiar que a guerra tinha sido declarada após o atentado de 11 de setembro, o termo correto segundo Chomsky, é “redeclarada”, pois ela já existia, vinte anos antes dos atentados e já fazia suas vítimas. Uma referência a Guerra Irã-Iraque que ocorreu em 1985 até 1988, no qual os Estados Unidos estava aliado ao Iraque na época sob o governo de Ronald Reagan, Chomsky ressalta ainda, que apesar os alvos serem distintos as retaliações do governo norte-americano é a continuidade de conflitos na região e a alvos semelhantes. O autor então afirma que a ética jornalística deveria ter se questionado afinal “O que de fato é o terrorismo?” (CHOMSKY, 2014).

Desde o início do atentado, a cobertura jornalística realizada pela mídia mundial recusou-se a tratar como um ataque terrorista isolado, no livro “Deus é Inocente, a Imprensa Não”, de autoria do jornalista Carlos Dorneles (2002), realiza uma pesquisa ampla sobre a atuação da mídia após este atentado. A obra traduz toda a preocupação do autor sobre as informações que eram repassadas a toda mídia internacional e como estas eram manipuladas por George W. Bush. Dorneles mostra o quanto à mídia mundial se

curvou diante do poderio americano, aceitando a guerra que se sucedeu deste o atentado.

É mais fácil distorcer a imagem daquilo que desconhecemos”. A regra foi seguida à risca em todos os momentos em que se discutiu a fé muçulmana depois dos atentados de 11 de setembro. A intolerância às diferenças foi a rotina, junto com o esquecimento de que fundamentalismos existem em todas as religiões (DORNELES, 2002, p. 219).

A luta do bem contra o mal enfatizado sempre por Bush, o Oriente médio visto como lado negro daquele momento da história e a potência americana como o “bem” da humanidade, que foram bombardeados sem ao menos terem a chance de defesa. “A “guerra ao terror” conferiu aos Estados uma liberdade quase absoluta de linguagem, que se traduziu pela aplicação do rótulo “terrorista” a inúmeros grupos políticos armados que desafiam os poderes constituídos” (MAGNOLI, 2008, pg. 19).

Mas a realidade apresentada por autores como Carlos Dorneles, Noam Chomsky é diferente, sendo eles, essenciais neste trabalho afim de entender uma face pouco questionada do atentado de 11 de setembro. “A luta entre o bem e o mal, tão repetida pelo presidente George W. Bush em seus discursos foi levada a sério pela imprensa e por grande parte dos pensadores acadêmicos, fartamente utilizado para satanizar o islamismo” (DORNELES, 2002, p. 219).

Denominada pelos Estados Unidos de “Guerra ao Terror”, nada mais foi que uma justificativa do presidente Bush para começar a guerra contra milhares de inocentes do Afeganistão e do Iraque. Até hoje, não se sabe ao certo quantas pessoas morreram nos ataques. “Os discursos de Bush dão o tom, sempre repletos de referências a Deus e da relação entre os Estados Unidos e os antiamericanos e o mal “Mesmo que eu ande pelo vale da sombra da morte, não sentirei medo porque o Senhor está comigo”, disse ele num discurso um dia após os atentados” (DORNELES, 2002, p.222).

A ocasião era a ideal para os Estados Unidos iniciar a guerra, um ataque que tirou a vida de milhares de americanos, um atentado bárbaro, foi à justificativa que os Estados Unidos tinham para começar a guerra, o momento era propício, em uma guerra não só contra Bin Laden, mas contra milhares de inocentes. O terrorista Osama Bin Laden, segundo Dorneles, já havia sido um grande aliado da potência norte-americana “A relação começou a se deteriorar quando os Estados Unidos atacaram o Iraque durante a guerra do Golfo” (DORNELES, 2002, p.182).

Demétrio Magnoli (2006), autor do livro “As Histórias das Guerras”, afirma que as guerras não são novas na sociedade. O armamento, a motivação, a estratégia foram os que mudaram, o que elas têm em comum, é a mudança drásticas na trajetória da humanidade. Conforme Chomsky (2002) no livro 11 de setembro, onde reproduz uma série de entrevista do autor um mês após os atentados, a definição de guerra ao terrorismo:

Por essas razões, é melhor usar o termo mais vago, “guerra”. Chamá-la de “guerra contra o terrorismo”, entretanto é simplesmente uma boa dose a mais de propaganda, a não ser que a guerra tenha como alvo, de fato o terrorismo. Mas não é o que está ocorrendo, pelo menos não sem subterfúgios, já que as potências ocidentais não perderam suas próprias definições oficiais do termo, como no *U.S Code** ou nos manuais do exército, Se o fizessem isso revelaria de imediato que os Estados Unidos são um Estado Líder do Terrorismo, assim como os países que constituem seus principais aliados (CHOMSKY, 2002, p. 17).

Chomsky reforça a visão do jornalista Carlos Dorneles, referente ao fato de que Bin Laden era aliado dos Estados Unidos. “Incluído aí muitos que foram rebaixados das categorias de amigos favorecidos e aliados para “terroristas”, no momento em que desobedeceram às determinações dos Estados Unidos” (CHOMSKY, 2002, p.74). Chomsky (2014) afirma que essa maneira de se referir a “guerra ao terrorismo” como justa e admirável foi aceita por todo mundo, ignorando os massacres, com um propósito a “captura” de Osama Bin Laden. Ambos os discursos retratam como a mídia teve um papel fundamental em fazer o que pregava os Estados Unidos, a transformação de Bin Laden em um demônio procurado por todo mundo, levando assim, o nome da nação muçulmana. “A transformação de Bin Laden em demônio internacional teve quatro principais facetas na imprensa: a sua crueldade e a falta de objetivos políticos, sua formidável máquina de fazer dinheiro para o terror, a sua incrível capacidade bélica, diferente e assustador para nós” (DORNELES, 2002, p. 182).

Os autores em diversos momentos entrelaçam os discursos, como no caso de que o Iraque e o Afeganistão antes a invasão americana era uma região de paz. “A pobreza não era tão grave como em muitos países árabes antes de ser devastado pelos bombardeios e de sofrer um poderoso bloqueio econômico” (DORNELES, 2002, p. 204). Em um dos trechos Dorneles, evidencia que o Afeganistão foi lembrado na mídia somente quando estão em jogo as influências norte-americanas.

Um dos países mais pobres do mundo, dois terços de analfabetos, média de expectativa de vida de apenas 43 anos e mortalidade infantil pelo menos 35% maior do que as nações mais miseráveis da África, como Somália, Burundi e

Etiópia. Um pedaço esquecido do mundo que só vira notícia quando está em jogo o interesse de uma grande potência (DORNELES, 2002, p. 170).

Com base nas palavras de Chomsky (2001), é possível observar como se torna intrínseco o discurso de Dorneles (2002).

Osama bin Laden compartilha de um ódio que é sentido em toda a região pela presença dos EUA na Arábia Saudita, pelo apoio às atrocidades cometidas contra o povo palestino e pela devastação, coordenada pelos EUA, da sociedade civil no Iraque. Esse sentimento de ódio é compartilhado tanto por ricos quanto por pobres e por toda a extensão tanto do espectro político quanto de outros espectros (CHOMSKY, 2001, p. 67).

A partir do 11 de setembro, estava inaugurado o discurso do ódio norte-americano contra os muçulmanos. O massacre que matou e continua matando milhares de pessoas, principalmente muçulmanos ao redor do mundo, através do preconceito. Esta pesquisa visa expor como esse discurso preconceituoso contra os muçulmanos, a islamofobia, tornou-se evidente após os atentados às torres gêmeas.

ISLAMISMO X TERRORISMO ISLÂMICO

Países e organizações islâmicas protagonizam, hoje, alguns dos acontecimentos mais dramáticos do planeta. No entanto, embora seja uma religião que mais cresce em número de adeptos, surpreendentemente o islamismo continua desconhecido para os não-muçulmanos, mesmo os considerados bem-informados. Em um mundo que necessita vitalmente de compreensão e tolerância, esse alheamento é uma perigosa fonte de mal-entendidos e conflitos (ARANTES, 2005, p. 09).

O islamismo é uma palavra árabe que tem por significado o termo submissão, derivado da palavra paz, conforme o dicionário Houaiss, ser definido como uma religião que se caracteriza pelo monoteísmo e síntese entre a fé religiosa e organização sociopolítica, fundada pelo profeta Maomé, que codificou o corão, o livro sagrado da fé muçumana. A palavra pode ser ainda encontrada pelo termo Islã ou Islam, onde as duas grafias são aceitas usualmente (HOUAISS, 2009). Segundo Comparato², islamismo é uma doutrina religiosa de entrega e obediência a Deus, como citado monoteísta, com crença em um Deus único (COMPARATO, 2006).

Atualmente a mídia mundial tem divulgado as barbáries dos conflitos no Oriente Médio, divulga-se muito, mas pouco enfatiza sobre a diferença entre os fundamentalistas (Jihadistas que pregam a “guerra santa”), e os seguidores da doutrina

² Fabio Comparato, autor do livro *ética: Direito Moral e religião no mundo moderno*.

muçulmana (doutrina de paz). Para Kamel, a expressão fundamentalismo surgiu no século XIX, quando da volta dos cristãos anunciados pelos americanos, aos que intitularam de fundamentos da fé, mas, o termo relativamente se tornou comum por uma minoria fanática. Os fundamentalistas islâmicos como denominados são os que dão uma interpretação radical aos ensinamentos pregados pelo alcorão, já que diante das revelações ali inscritas podem dar uma margem de múltiplas interpretações, e decretá-las na sua visão radical (KAMEL, 2007).

Contrapondo a justificativa de Kamel, o autor Samuel Huntington na obra “O choque das civilizações” afirma que a principal problemática envolvendo a relação de ocidente com Oriente está na “disparidade entre os esforços do ocidente – especialmente dos EUA – para promover uma cultura ocidental e universal, e sua decrescente capacidade para fazê-lo” (HUNTINGTON, p.227, 2001). O fundamentalismo pode ser designado, quando em nome da religião, em nome de um “Deus”, imponho a minha doutrina. No dicionário a palavra impor pode ser definido como: tornar algo obrigatório ou indispensável (HOUAISS, 2009, p. 1055).

O Islam em sua totalidade, foi revelado ao Profeta Muhammad e é imutável; os muçulmanos por outro lado, mudaram. Se um muçulmano erra, isso não significa que o Islam concorda com sua ação. Mais claramente: se uma pessoa sabe como construir um carro desmontado, e ela falha em seguir o manual e monta o carro incorretamente. Isso significa que o manual está errado? (AL-SHEHA, 2009, pg. 11).

Do outro lado a população que vive em uma guerra constante, não só a guerra onde bombas são atiradas e matam milhares de inocentes. Mas a principal guerra que eles enfrentam é a guerra do preconceito, o pré-conceito, como se todos os muçulmanos fossem homens e mulheres bombas prestes a atacar. Dorneles afirma: “a imagem predominante é a de muçulmanos fanatizados pela religião, atrasados economicamente e ressentidos pelo progresso ocidental” (DORNELES, 2002, p.228).

Em um fragmento retirado do site Pragmatismo Político, publicado no dia 17 de janeiro de 2015, após um os ataques ao jornal Francês Charlie Hebdo, o jornal francês se apropriava da religião islâmica para realizar sátiras contra a religião muçulmana, a matéria intitulada “Je Suis Charlie, pero no Mucho” em um dos trechos diz:

Obscurece o fato de que a maior parte das vítimas dos terrorismos são muçulmanos, que, tirando exatamente as lideranças fanáticas minoritárias que apoiam este tipo de ação, praticamente todo o resto dos mais de um bilhão de islâmicos condena esse tipo de ação e vive em medo muito maior do que qualquer cidadão ocidental médio: ora é o medo do terrorismo de seus

compatriotas que os ameaça diariamente, ora é de alguma potência ocidental que se autoproclama sua defensora, bombardeando suas cabeças em nome da liberdade (DIAS, 2015).

BREVE ANÁLISE DO DISCURSO DA REVISTA VEJA SOBRE OS ATENTADOS ÀS TORRES GÊMEAS

A revista brasileira Veja, fundada no ano de 1950 pelo grupo Abril, é considerada uma das pioneiras e das mais importantes revistas semanais de notícias no país. Uma semana após o atentado às torres gêmeas, a revista trouxe a edição 1.718, publicada no dia 19 de setembro de 2001, a capa estampava a matéria: O império vulnerável, uma referência à fragilidade em que se encontravam os Estados Unidos após a queda das torres gêmeas do World Trade Center.

A imagem na capa retratava as duas torres em chamas, momentos antes de desabar. No início da matéria da Veja (2001): “Depois dos atentados em Nova York e Washington, mudam o conceito de terrorismo e a forma com que o terrorismo e a forma com que o terror será combatido, enquanto os americanos descobrem que também são vulneráveis” (REVISTA VEJA, 2001, p. 47).

Chega-se então a conclusão de que nas 41 páginas dedicadas ao episódio, não só a vulnerabilidade americana ficou exposta. Mas uma série de pré-conceitos, não se referiam mais apenas a Bin Laden, mas a todos os muçulmanos, palavras como: fanatismo muçulmano, bárbaros, terroristas islâmicos, covardes, fanáticos, a “turma do turbante” uma maneira de se referir ao véu islâmico, foram usadas para estigmatizar uma nação inteira, pelas atitudes de poucos homens.

Boff (2009, p.60) descreve que “A história comprovou que combater a intolerância “pagando com a mesma moeda” leva a espiral da intolerância. A atitude de pragmática busca estabelecer limites. Se a intolerância implicar crime e prejuízo manifesto a outros, vale o rigor da lei para enquadrá-la”. Entende-se então que se cria uma espiral de intolerância quando se resolve não respeitar mais o limite do outro. De um lado uma nação atingida por um determinado grupo de origem muçulmana, e de outro uma nação inteira estigmatizada por estas atitudes.

No início da matéria do atentado de 11 de setembro, a editoria diz: “A única superpotência tornou-se alvo de fanáticos dispostos a tudo. Como a nação mais poderosa do planeta pode proteger-se das atrocidades terrorista?” (REVISTA VEJA, 2001, p. 50).

No livro *Guerra Irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história*, do autor Alessandro Visacro (2009) relata que os Estados Unidos trataram de colocar este episódio, do 11 de setembro, a seu favor. Desta forma a Revista *Veja* comete uma série de equívocos, primeiramente em acreditar que o atentado terrorista era causado por simples “fanáticos suicidas”. Referindo-se aos muçulmanos de modo geral como “Inimigos da América” e ficando devendo a população uma informação para o que realmente aconteceu, não expondo o histórico da relação Estados Unidos e os países do Oriente Médio. Na opinião de Visacro, descreve que o episódio de 11 de setembro transmitido na mídia de forma que soasse a favor do estado americano viria como uma forma de aceitação para as atitudes que se seguiriam.

Em uns dos momentos da reportagem especial, a *Veja* (2001, pg. 53), destaca que o atentado iria ser respondido pelos Estados Unidos, “Como Israel, os Estados Unidos estão ansiosos para demonstrar que os ataques serão respondidos”. Segundo Dorneles “Mesmo que os Estados Unidos estivessem sendo comandado por um homem que iria à guerra de qualquer maneira, a imprensa americana tomou a frente desde o início, assumindo uma posição belicista e criticando a “lentidão” da resposta” (Dorneles, 2002, p. 27). Avalia-se que os ataques foram respondidos, sim, da forma brutal e sangrenta, com a morte de inocentes, e as atitudes foram amparadas e antecipadas em diversos momentos pela imprensa.

A revista *Veja* (2001, p. 53) continua “Na quinta-feira, o secretário de estado, Colin Powell, confirmou que o principal suspeito é o milionário saudita Osama Bin Laden. Fanático islâmico que se esconde no Afeganistão, ele declarou guerra aos Estados Unidos em nome de Alá”. Publicada apenas uma semana após o 11 de setembro a gravidade da informação publicada pela *Veja* e disseminada pela imprensa do mundo todo não mediu as consequências. A informação na época tratava-se de uma suspeita dos Estados Unidos e foi publicada como definitiva. A opinião pública voltou-se ferozmente aos muçulmanos com o reforço do termo “fanatismo muçulmano”

Diante do horror da destruição em Nova York, é improvável que o governo ou a opinião pública fiquem satisfeitos com uma simples retaliação aqui ou ali... O ataque da semana passada tem a assinatura de um tipo particularmente terrível de terrorismo, cuja a motivação é o fanatismo muçulmano (REVISTA VEJA, 2001, pg. 53).

O autor Noam Chomsky (2014), afirma que muitas vezes é preciso falsificar uma realidade. Entende-se assim que desta forma somos capazes de superar obstáculos, passando a impressão de que quando atacamos alguém na verdade estamos nos

protegendo e defendendo-se de agressores que são vistos como monstros para nós. Os monstros nesse caso não se tratavam apenas de Osama Bin Laden e sim de toda a nação muçulmana.

Segundo a reportagem: “O terrorismo islâmico só fala em seu próprio nome e pode estar sediado em qualquer lugar. Não envia soldados em submarinos surgem das sombras, dispostos a morrer junto com suas vítimas, o que torna mais difícil de prevenir ataques” (REVISTA VEJA, 2001, p. 54). De acordo com Leonardo Boff, “Os ocidentais tendem a ver nos muçulmanos as figuras do fanático religioso e do terrorista. Os muçulmanos tendem a ver nos ocidentais os ateus práticos, os materialistas crassos e os secularistas ímpios” (BOFF, 2009, p. 30). Analisa-se então que a este ponto não se tratava mais de apenas uma rotulação dos americanos para os muçulmanos, os muçulmanos diante do massacre de inocentes que nada tinham a ver com o ataque as torres gêmeas, passaram a estigmatizar também os ocidentais, como materialistas e ateus, que não acreditavam no amor ao próximo.

Neste momento a revista semanal faz uma ligação a homens-bombas. “Para um homem-bomba na Palestina basta enrolar explosivos em torno da cintura e procurar vítimas indefesas entre israelenses” (REVISTA VEJA, 2001, pg. 56). O autor Demétrio Magnoli, na obra Terror Global, contrapondo esta afirmação, diz: “O Unabomber é um caso extremamente raro de terrorista individual, desconectado a qualquer rede de terror” (MAGNOLI, 2008, pg. 23). Novamente observa-se o desconhecimento da informação correta divulgada na revista Veja, indicando que esta seria uma tarefa fácil de ser tomada e deixando a mensagem implícita de que qualquer um poderia ter acesso e se tornar um “unabomber”, quando Demétrio sustenta a teoria de que na verdade isto se trata de uma situação isolada e de terrorismo e atrelada a um pequeno e raro grupo.

No livro 'Sobre o Islã' de Ali Kamel, o autor para provar esta tese, utiliza um trecho do Alcorão referente como é visto o suicídio pela religião Islâmica. “Ó fiéis, não cometeis suicídio, porque Deus é misericordioso para convosco. Aquele que tal fazer, perversamente e de forma iníqua, introduzi-lo-emos no fogo infernal, porque isso é fácil a Deus” (KAMEL apud ALCORÃO, 1995, 4, 29-30). Entende-se então de que o suicídio é mal visto pela região Islâmica, e esta não é uma atitude da maioria da população, ao menos não daqueles que são dotados de fé.

Segundo a publicação da Veja os autores daquele massacre precisaram de pouco para transformar o episódio em uma catástrofe, “Tudo que os terroristas precisaram para criar o cenário de morte e destruição em Nova York e Washington foram passagens

áreas e facas” (REVISTA VEJA, 2001, pg. 54). No livro “A imprensa e o dever da verdade” do autor Rui Barbosa (1990), contrapondo o discurso da Veja, afirma que a imprensa tem o papel de ser à vista da nação do mundo todo e através dela que a nação acompanha o que acontece a seu redor e distante, enxerga assim, os maus da sociedade. Salienta-se mais uma vez o poder da imprensa, é por meio dela que a sociedade vai conhecer as verdadeiras faces de um acontecimento, dizer que foram apenas necessárias passagens aéreas e faca pode gerar comoção por grande parte da população a qualquer muçulmano entrando em um voo.

A edição da Veja (2001) também afirma que é difícil prever o “terror islâmico” pois segundo a publicação, os combatentes “surgem das sombras” e estão dispostos a morrer pela causa. Em poucos momentos, expõe a ideia de que os fundamentalistas islâmicos são a minoria. “Na maioria, são moderados. A minoria é radical, no entanto, tem uma disposição fanática para matar e morrer e se une num ódio incontrolável contra os Estados Unidos, em sua opinião um país satânico” (REVISTA VEJA, 2001, p. 57). Para Leonardo Boff (2009, pg. 35), ressalta que este discurso de uma minoria radical traz como consequência o preconceito, “Daí emergem exclusões e violências contra aqueles que os ameaçam. Assim explode o terrorismo dos fracos contra os poderosos, com a utilização de meios altamente destruidores como assistimos ultimamente”.

Se houvesse uma postura intelectual e ética da mídia em todos os países, não haveria tantos erros, como os presenciados atentado do dia 11 de setembro. Na análise desta matéria especial da Veja, em um dos trechos é possível notar outro deslize: “Eles não fazem exigência, não pedem dinheiro para libertar reféns. Só querem ver sangue (...). O governo americano já teve provas suficientes para responsabilizar o fundamentalismo islâmico” (REVISTA VEJA, 2001, pg. 57). Onde a imprensa, deveria ter um papel fundamental, mas foi adulterada e censurada. Em nenhum momento vemos um grande debate com o que de fato ocorreu no pós atentados e principalmente o histórico que o conflito já carregava, desde os conflitos que iniciaram na década de 80 e a anterior Guerra do Golfo (1991).

Desde 1991, quando iniciou a guerra contra o Iraque, já morreram naquele país cerca de quinhentas mil crianças, por causa do embargo aos suprimentos medicinais. Todos os meses morriam no Iraque, em consequência do embargo aos remédios, da falta de saneamento e de água, um número de crianças igual ao das vítimas dos ataques de 11 de setembro. (BOFF, 2009, pg. 35)

Ao termino desta breve análise é irrefutável afirmar que a edição da Revista Veja é carregada de preconceito étnico colocando no mesmo patamar os extremistas e toda a religião muçulmana. Observamos surgir uma série de termos e palavras para qualificar o povo muçulmano e incitar ainda mais o preconceito e principalmente intolerância religiosa. A reportagem diante de tantas acusações e preconceito étnico, o conceito de que radicais são a minoria no Islã permaneceu em segundo plano. A guerra posterior ao 11 de setembro já estava explícita e aceita por aqueles que teria a função de expor uma verdade, e não somente aceitá-la pronta, sem grandes questionamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo dedicou-se em expor a problemática envolvendo a questão da cobertura jornalística do atentado terrorista de 11 de setembro de 2001, entre as consequências expostas no artigo está o preconceito da mídia com relação à população árabe, provocado na maioria das vezes pela falta de ética atrelada à carência de conhecimento jornalístico. Desta forma, constatou-se que este preconceito ficou estabelecido a partir o atentado do 11 de setembro de 2001, o presente artigo realizou uma breve análise do discurso da revista Veja após os atentados, afim de exemplificar o que imprensa mundial havia noticiado sobre os atentados.

Durante todo o percurso, tornou-se essencial a base aos referenciais teóricos, autores da comunicação como Dorneles, Chomsky e Bhabha evidenciaram o quanto os veículos de comunicação curvaram-se diante do poderio americano. Tornando-se deficiente em muitos aspectos. Em nenhum momento, houve um grande questionamento sobre a veracidade das informações que eram repassadas pelo governo americano, na época sob comando de George W. Bush.

O termo “Guerra ao terrorismo” foi à justificativa utilizada pelo governo de Bush, para obter êxito à tamanha atrocidade: a matança desenfreada contra os povos do Oriente Médio. Milhares de inocentes foram mortos durante esta retaliação. As brutalidades cometidas pelo governo americano, após os atentados as Torres Gêmeas do World Trade Center, não os tornaram melhores que Osama Bin Laden, pelo contrário, este fato “heroico” ocultou em verdade, a face negra do preconceito que sucederia.

BIBLIOGRAFIA

AL SHEHA, Abdul Rahman. **Muhammad: O mensageiro de Deus, que Deus louve sua menção.** Tradução: Lic Muhammad Isa Garcia. Revisão: Ana M.G Litardo (Verão Brasil). Escritório de difusão do Islã de Rabwah. 1 Ed. 2007

ARANTES, José Tadeu. **O maior perigo do Islã: não conhecê-lo.** São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2005.

BARBOSA, Rui. **A imprensa e o valor da verdade.** São Paulo, Universidade de São Paulo, 1990.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo, terrorismo, religião e paz.** Petrópolis: Vozes, 2009.

CHOMSKY, Noam. **11 de setembro.** Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2001.

CHOMSKY, Noam. **A Mídia: Propaganda Política e Manipulação.** São Paulo: Martins Fontes – WMF, 2014.

DIAS, Leandro. **Je Suis Chralie, Pero no Mucho.** Pragmatismo Político. Publicado em 17 de janeiro de 2015. Disponível em:
<<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/01/je-suis-charlie-pero-no-mucho.html>>
Acesso em 09 de Março de 2015.

DORNELES, Carlos. **Deus é Inocente a Imprensa Não.** São Paulo: Globo, 2002.

HOUAISS, **Dicionário da Língua Portuguesa,** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUNTINGTON, Samuel P. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial.** São Paulo: Editora Objetiva, 2001.

KAMEL, Ali. **Sobre o Islã.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

MAGNOLI, Demétrio. **A História das Guerras.** São Paulo: Contexto, 2006.

NOGUEIRA, João Pontes e MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

OLIVEIRA, Nara. **Foz do Iguaçu Intercultural: cotidiano e narrativas da alteridade.** Foz do Iguaçu: Epígrafe, 2012.

OLIVEIRA, Bruno Nascimento. **Terror na TV: aspectos da produção midiática sobre a tríplice fronteira no pós-11 de setembro**. “Anais do I encuentro de Estudios Sociales desde América Latina y el Caribe: cenários linguístico-culturais contemporâneos”. Unila, 2016.

REVISTA VEJA. **O império vulnerável**. Editora Abril. Edição 1.718. Edição especial. Publicada em 19 de setembro de 2001.